

A Memória na Tradição Cristã.

Caterine Henriques Mendes

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar a função da memória na tradição cristã. O papel da memória é fundamental na formação do Paleocristianismo e o ensino cristão se dá através da evocação da memória de Jesus, que atualiza no presente de quem as evoca a vida, a pregação e os ensinamentos do Cristo. Podemos apreender assim, um dever de memória, pois a memória dos primeiros judeus cristãos do século I é evocada, não para reminiscência de lembranças passadas e distantes, mas no sentido de uma fusão entre o presente e o passado. A memória deixa de ser simplesmente uma lembrança que ainda preserva um sentido de distancia, mas realiza o papel de reatualização da figura e palavras de Jesus.

Palavras-Chave: Memória, Tradição, Paleocristianismo.

Introdução

O principal objetivo desse artigo é elucidar a questão da memória na formação da tradição cristã. Assim, nossa pergunta para essa problemática seria: “Qual a relação da memória com essa tradição que podemos chamar num primeiro momento de paleocristã?”

Temos como fonte dessa pesquisa a narrativa dos Evangelhos Sinópticos²⁰, os quais compõem uma narrativa memorial e vamos adotar como referencial teórico o conceito de memória coletiva de Maurice Halbwachs. De acordo com o autor (2006), a memória é sempre constituída por grupos sociais e tudo o que nos lembramos do passado faz parte de construções sociais que são realizadas no presente. Assim, memória individual é socialmente construída, isto é, mesmo que um indivíduo esteja sozinho, ele irá recordar através de quadros coletivos da memória, que foi construída a partir da interação entre indivíduos em diversos contextos. Assim, não possuímos memórias totalmente individuais, pois jamais estamos só, por sermos seres sociais. E nossas lembranças ou esquecimentos ocorrem em virtude do grupo ao qual estamos inseridos no presente. Na medida em que nos afastamos dele as lembranças tendem a se tornar distantes. Para que a nossa memória se aproprie da memória de outros é necessário que existam ainda elos, pontos de contato entre ambas as memórias, são necessárias noções comuns que estejam em nós e também nos outros; em suma, é preciso

²⁰ Os evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas são conhecidos como Sinóticos (do grego synopsis = visão de conjunto) pois são semelhantes em sua organização, sendo possível e fácil compará-los entre si, quando dispomos em colunas verticais paralelas, permitindo uma visão de conjunto.

que ainda se pertença ao grupo ou que ainda de alguma maneira sejamos influenciados por ele. O passado então, se reatualiza no presente através dessa memória coletiva, na qual, para cada memória individual surge uma perspectiva unificadora. De acordo com Ciarcia (2002), englobando as lembranças de seus membros, essa memória coletiva não se confunde com ele, pois oferece a cada indivíduo a possibilidade de apreensão de sua própria cultura. A memória coletiva, portanto, é a experiência cultural do tempo, a presença do passado no presente, respondendo a objetivos e necessidades desse momento atual, como afirma Ferreira (2009).

A Memória e o Paleocristianismo

O papel da memória é fundamental na formação do Paleocristianismo. O ensino cristão se dá através da evocação da memória de Jesus, que atualiza no presente de quem as evoca a vida, a pregação e os ensinamentos do Cristo. Os discípulos de Jesus foram instruídos por seu mestre a pregar seus ensinamentos e a guardar, manter e repetir sua memória, como no episódio da Santa Ceia:

E tomou um pão, deu graças, partiu e deu-o a eles, dizendo: “este é meu corpo que é dado por vós. *Fazei isto em minha memória*”. E, depois de comer, fez o mesmo com a taça, dizendo: “essa taça é a nova aliança em meu sangue, que é derramado por vós”²¹.

Podemos observar aqui um dever de memória, onde, então, a memória é o que eu atualizo no presente, sendo sempre re-interpretada por quem a evoca, e a liturgia da Eucaristia remete sempre para o cristão o momento original, a Santa Ceia e à vida de Cristo. A narrativa memorial ancorou o cristianismo na história dos homens. A memória e seu resgate através das narrativas e dos rituais litúrgicos são considerados um evento redentor, como um traço essencial e constitutivo do cristianismo.

Não podemos esquecer que Jesus e os seus discípulos viviam dentro das tradições judaicas, tinha em sua memória a época em que seu povo fora livre, quando juntamente com Moisés seu povo deixou o Egito, bem como a época posterior em que a monarquia de Davi proporcionou a seu povo certa estabilidade. Assim, carregavam consigo a história e a crença de seu povo, bem como os ensinamentos judaicos. E para o povo judeu, como afirma Yerushalmi, lembrar é fundamental, o verbo zakhar (lembrar) aparece na Bíblia Hebraica, 169 vezes, geralmente tendo como tema Israel ou Deus, uma vez que a memória está a serviço de

²¹ Lc 22,19; Mt 26, 26-28; Mc 14, 22-25; Esta passagem está presente nos três Evangelhos sinópticos, mesmo apresentando algumas diferenças entre eles, tendo assim grande probabilidade de autenticidade. O grifo é meu.

ambos. O verbo é complementado pelo seu antônimo esquecer, assim como Israel é ordenado a lembrar, também é intimado a não esquecer (p.25).

A memória flui, acima de tudo, através de dois canais: o ritual e a narrativa. Mesmo quando preservando totalmente seus laços orgânicos com os ciclos naturais do ano agrícola (a primavera e os primeiros frutos), as grandes peregrinações, as festas da Páscoa e do tabernáculo foram transformadas em comemorações do Êxodo do Egito e da estada no deserto. A poesia oral precedeu, e algumas vezes acompanhou a narrativa dos cronistas. Para o leitor Hebreu, até atualmente tais reminiscências como o Cântico do Mar (Ex. 15: 1-18), parece possuído de um singular poder de invocar, através da simples força de seus ritmos e imagens arcaicas, sugestões distantes, mas estranhamente comovedoras de uma experiência de acontecimento primitivo²². Ocorrendo muitas vezes uma interação entre ritual e narrativa, sendo estabelecida a liturgia. E os discípulos de Jesus carregavam consigo esta herança de memória.

Entretanto, a memória dos primeiros judeus cristãos do século I é evocada, não para reminiscência de lembranças passadas e distantes, mas no sentido de uma fusão entre o presente e o passado. A memória deixa de ser simplesmente uma lembrança que ainda preserva um sentido de distancia, mas realiza o papel de reatualização, no presente da figura e da vida de Cristo, pelos seus apóstolos e seguidores após a sua morte.

É importante destacar que a pregação de Jesus e de seus discípulos, logo após sua morte, se deu através da oralidade em algumas comunidades isoladas. Na igreja primitiva, havia os “evangelistas”²³, que narravam as lembranças evangélicas sob a forma que tendia a se fixar pela repetição. Mas com a morte de muitos discípulos da primeira geração – aqueles que tinham conhecido pessoalmente a figura de Jesus – essas mesmas comunidades sentiram a necessidade da elaboração de obras escritas, de caráter permanente. E a importância geral da escrita dos Evangelhos foi a de preservar para os leitores do final do século I d.C., a memória da palavra de Jesus. Assim, os Evangelhos constituem um gênero literário, nos quais apresentam uma narrativa dos feitos e da vida de Jesus, representando a fonte mais próxima de Jesus e do movimento paleocristão. Foram escritos por pessoas de suas épocas, dentro de um contexto específico, se a história bíblica tem em sua essência, uma narrativa dos atos divinos, seus relatos são repletos de ações humanas, de homens e mulheres de seus tempos, encontramos assim, uma ancoragem firme nas realidades históricas e na cultura de seu povo.

²² YERUSHALMI, Yosef H; 1992.

²³ At 21,08.

Os evangelhos não são um relato objetivo e histórico da vida de Jesus. É em essência, uma interpretação teológica do significado da vida de Jesus. Porém essas interpretações foram feitas por pessoas que tinham profunda convicção no que estavam escrevendo. Os evangelhos foram escritos no estilo biográfico da época, e dentro dessa espécie de narrativa memorial, é inútil querer ler várias de suas passagens como uma descrição factual dos acontecimentos da época.

Os textos bíblicos, escritos por diferentes autores em épocas diversas, eram também produtos de um longo processo de transmissão de tradições e documentos mais antigos.

Para os cristãos, assim como para os judeus, a lembrança é um elemento de suma importância, na medida em que pauta o presente pela rememoração dos acontecimentos e milagres do passado.

De acordo com Maurice Halbwachs (2006), a memória é socialmente construída, completamos e formamos a nossa memória com a ajuda, ao menos em parte, com a memória dos outros, mesmo que um sujeito esteja sozinho ele irá recordar através de quadros coletivos da memória que foi construído através de interações, entre indivíduos em diversos contextos. Essa memória coletiva tem, conforme Kessel, uma importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado em comum, que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo que tem como base uma memória compartilhada, não só no campo histórico, do real, mas principalmente no campo simbólico. Assim, interpretamos os Evangelhos não somente nos seu âmbito histórico ou intelectual, mas também como um amplo sistema simbólico por meio do qual uma comunidade interpreta o seu presente e o seu passado, codificando os seus valores e organizando os seus padrões éticos, estéticos e morais, assim entendemos aqui os Evangelhos como um suporte à memória e a identidade

Os Evangelhos são, portanto, os formadores dessa memória coletiva, dessa memória compartilhada pelos cristãos. Num primeiro momento ele serve como uma moldura para a memória que vai ser resgatada em cada época respondendo a necessidades e objetivos de cada uma delas, e vai oferecer em sua essência a garantia de constante repetição, de constante reprodução através da evocação dessa narrativa, muitas vezes aliada a ritualização e a liturgia.

Também é bom ter em mente que os quatro evangelhos não eram os únicos a circular entre os cristãos nos primeiros séculos. Entre os outros relatos, que ficaram fora do cânone da Igreja, estão os chamados evangelhos apócrifos. Assim, Marcos, Mateus, Lucas e João não representam todos os primeiros evangelhos disponíveis, mas é, ao contrário, um conjunto de textos, fruto de uma escolha planejada que serviu de suporte

para a formação de uma visão central forte, que mais tarde foi capaz de "tornar apócrifos, ocultos ou censurados quaisquer outros evangelhos" (CROSSAN, 1995:15) que divergissem dos interesses daqueles que moldavam o caráter e a identidade do movimento de Jesus. Os evangelhos surgiram de um grupo que era forçado a repensar a sua identidade em termos universalistas. A importância dada aos problemas cristãos determinou a seleção do que foi conservado da tradição de Jesus²⁴. É necessário destacar, aqui, a afirmação de Maurice Halbwachs (2006), de que a memória é sempre constituída por grupos sociais e tudo o que lembramos do passado faz parte de construções sociais que são realizadas no presente.

Considerações Finais:

Destacamos então, que o papel da memória é fundamental na formação do Paleocristianismo e o ensino cristão se dá através da evocação da memória de Jesus, que atualiza no presente de quem as evoca a vida, a pregação e os ensinamentos do Cristo. Os evangelhos, então, são formadores dessa memória coletiva cristã, pois constitui em sua narrativa memória uma moldura para essa memória, possibilitando o seu resgate e sua ritualização em todas as épocas posteriores. A memória é o elemento essencial na constituição do cristianismo e sua tradição, é o que possibilita a evocação da figura de Cristo, ou seja, é através do resgate dessa memória que possibilitou as reatualizações e ritualizações de caráter simbólico e até mesmo social da tradição cristã. E essa memória foi então formada socialmente, através da memória individual de cada seguidor, de cada apóstolo, inseridos, porém dentro de marcos sociais e que carregavam consigo a herança da memória e da história de seu povo, das tradições e de documentos antigos, da cultura de seu povo e de sua época, dentro do que Halbwachs chamou de memória coletiva.

Referências Bibliográficas:

- A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1998.
- BROWN, Raymond E. *Uma introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2005.
- CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1990.
- CIARCIA, Gaetano. Notes autour de la mémoire dans les lieux ethnographiques. *Ethnologies comparées*, n.4, Printemps, 2002. IN: FERREIRA, M.L. *Memória dos lugares Santos*. Memória em Rede, Pelotas, v. 1 n.1, Jan./Jul. 2009.

²⁴ Brown, R, 2005.

- CROSSAN, John D. *Jesus: uma biografia revolucionária*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.
- FERREIRA, M.L. *Memória dos lugares Santos*. *Memória em Rede*, Pelotas, v. 1 n.1, Jan./Jul. 2009.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *La topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte*. Paris: Universitaires de France, 2008.
- KESSEL, Z. *Memória e Memória Coletiva*, in: http://www.museudapessoa.net/oquee/oque_biblioteca.shtml
- LIMA, Alessandro. *O Cânon Bíblico - A Origem da Lista dos Livros Sagrados*. São José dos Campos-SP: Editora COMDEUS, 2007.
- RICHARD, Pablo. As diversas origens do Cristianismo: uma visão de conjunto (30-70 d.C.). *Revista de interpretação Bíblica Latino-Americana: Cristianismo Originários (30-70 d.C.)*. Petrópolis, RJ: ed. Vozes, 1995.
- YERUSHALMI, Yosef H. *Zakhor: História Judaica e Memória Judaica*. Rio de Janeiro: Imago, Ed. 1992.

Autora

Caterine Henriques Mendes

Graduada em História pela Universidade Federal de Pelotas. Aluna do curso de Mestrado Acadêmico Multidisciplinar em Memória Social e Patrimônio Cultural – Instituto de Ciências Humanas /UFPeL.